

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA: ORALIDADES E PERTENCIMENTO A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**Aramis Cortes de Araujo Junior¹, Eduardo Fausto Kuster Cid², Sabrina Lino
Pinto².**

¹Instituto Federal do Espírito Santo/campus de Alegre, Rodovia BR 482 (Alegre-Cachoeiro), s/n,
Distrito de Rive - 29500-000 - Alegre-ES, Brasil, aramiscortes@ifes.edu.br.

²Instituto Federal do Espírito Santo/campus Vitória, Avenida Vitória, 1729, Jucutuquara - 29040-780 -
Vitória-ES, Brasil, eduardok@ifes.edu.br.

²Instituto Federal do Espírito Santo/campus Vitória, Avenida Vitória, 1729, Jucutuquara - 29040-780 -
Vitória-ES, Brasil, sabriner@ifes.edu.br.

Resumo

O presente trabalho objetiva discutir a história de formação do território do Caparaó capixaba, hoje um local cada vez mais buscado por turistas e aventureiros, como forma de debater esse processo distinto de outras vertentes regionais. No Caparaó, o movimento que culminou com o estabelecimento pelo poder público da microrregião surgiu a partir do movimento de educadoras e educadores ambientais organizado criando um espaço coletivo atendendo às manifestações não só dos de “fora”, como também da população local, algo inédito no Brasil. Para chegar a esse histórico, o trabalho buscou o que denominamos “autores” do Caparaó, isto é, um grupo de educadoras e educadores que foram pioneiros em todo esse processo. As entrevistas com estes “autores” utilizaram a metodologia da história oral, já que vislumbramos descortinar esse enredo não oficial produzido por estas pessoas. Como considerações finais, afirmamos que o Caparaó capixaba foi construído, enquanto território, coletivamente por pessoas ligadas à educação ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Território. Oralidade. Caparaó capixaba.

Área do Conhecimento: Geografia.

Introdução

O território do Caparaó foi apropriado por diferentes grupos sociais que, ao longo do tempo, foram se alternando entre visões distintas da forma a qual a territorialização neste espaço deveria ser feita. Essas alternâncias entraram em conflito quando a natureza foi inserida nesse processo sendo uma dimensão essencial que perpassava a identidade e a existência dos grupos sociais que compunham esta parcela do estado do Espírito Santo, criando instabilidades conflituosas que foram sendo apaziguadas, em parte, pela Educação Ambiental e sua força em entender a natureza como terexistência (RUFINO et al, 2020).

Como falamos de território, precisamos de uma bagagem conceitual específica para este conceito-chave tão importante para as humanidades e que vem sendo cada vez mais debatido entre estudiosos do assunto, usada amplamente, de uns anos para cá, mas que ainda sujeita imperfeições e inconsistências quanto a sua utilização.

O território remete, conceitualmente, ao século XIX, na Geografia Política, quando estavam os Estados-Nações se consolidando e, nesse caso, imputavam ao conceito fixidez e controle demarcado com e por relações de poder (SOUZA, 1995). Por isso, a relação com as bases materiais, físicas de determinada localidade era o mais importante dos estudos territoriais, até mesmo por conta da necessária expansão e controle sobre novos territórios como fundamentais para a riqueza das nações. A seguir apresentamos uma das definições utilizadas:

O território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

geográfico” – que também é sempre de alguma forma natureza (HAESBAERT & LIMONAD, 2007, p. 42 apud FERREIRA, 2019, p. 3).

Metodologia

A perspectiva crítica que buscamos com o estudo da Educação Ambiental aliada à construção do território do Caparaó capixaba perpassará por todo o trabalho proposto. Isso significa que vislumbramos um método de pesquisa que busque a essência das contradições e conflitos de que tratam as questões ambientais a partir da dimensão histórica e geográfica utilizando-se dos atores sociais dos espaços formais e não formas de ensino como fonte de epistemologias que não se encontram nos livros e memórias.

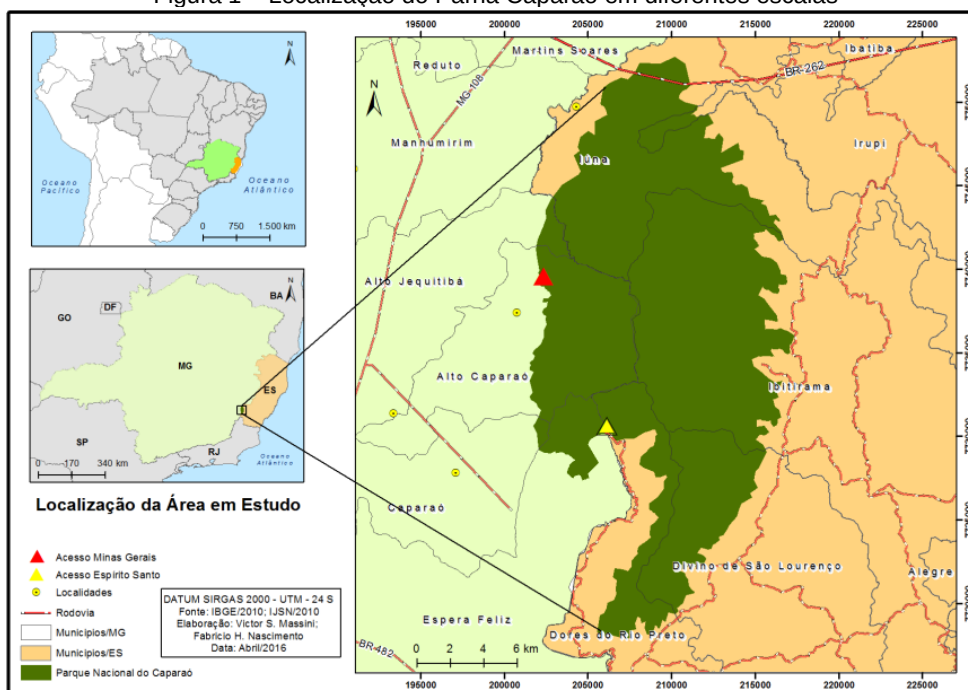
Por isso, adotamos a história oral (HO) como metodologia/ferramenta/técnica de pesquisa que pode ser empregada, de acordo com Alberti (2013), em várias áreas do conhecimento, não apenas na história. Nesse trabalho, de abordagem ambiental e geográfica, há um cunho qualitativo de análise para a nossa investigação explicitada, já que nos propusemos a uma multidisciplinaridade a partir da Geografia. Alberti (2013, p. 24) define a história oral com as seguintes palavras.

Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica. Sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Área de estudo

A região do Caparaó Capixaba localiza-se no Sudoeste do estado do Espírito Santo, possuindo uma área de 3.920,70 km², correspondendo a 8,5% da área do estado, sendo composta pelos municípios de Alegre; Divino de São Lourenço; Dolores do Rio Preto; Guaçuí; Ibatiba; Ibitirama; Irupi; Iúna; Jerônimo Monteiro, Muniz Freire e São José do Calçado (SATTLE, 2013; DUTRA, 2019), conforme mapa de localização a seguir.

Figura 1 – Localização do Parna Caparaó em diferentes escalas



A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Fonte: MASSINI (2017, p. 25).

Para além, esta parcela do espaço geográfico apropriou-se das heranças e ancestralidades das populações originárias que compunham este território – agricultoras e agricultores, agroecólogas e agroecólogos, imigrantes estrangeiros, religiosidades, povos originários, hippies, turistas, ambientalistas, professoras e professores, músicos, artistas, artesãs e artesãos, plantadores de água, valendo-se dessas territorialidades para lançar as bases da identidade do Caparaó com “os seres e suas relações ecológicas, ecossistêmicas, biodinâmicas e ecossociais - características de sociedades com a natureza [...]” (RUFINO et al, 2020, p. 4).

Por isso, entendemos que as ações educativas a partir da Educação Ambiental refletidas por essa gama de atores sociais contra hegemônicos e com um pensamento crítico sobre a relação sociedade-natureza foram o parâmetro basilar para a construção deste território, pois ao alicerçar os vínculos de suas existências ao Caparaó entenderam “os viventes e as (suas) histórias que aludem sobre outra percepção de habitar e interagirmos com o planeta. (RUFINO et al, 2020, p. 6).

Nesse sentido, a Educação Ambiental apresenta a possibilidade de ir além de uma simples conscientização, mas poderá alcançar patamares mais avançados, questionando tanto a maneira como os homens estão reproduzindo suas vidas, como a forma metabólica da relação com a natureza sob o sistema social capitalista. Desse modo é preciso perceber que se marcará uma posição, pois não se fará eficaz com um discurso conciliatório (consequentemente conservador), visto que existe um conflito entre aqueles que desejam manter a atual forma de reprodução da vida de um lado (baseada na propriedade privada, na expropriação trabalho e na mercantilização de tudo e estímulo ao consumo) e, do outro lado aqueles que querem (e precisam de) sua transformação. Cabe salientar, que o conflito é inerente à vida social e a partir dele é que se abre a possibilidade da mudança social (BOMFIM; PICCOLO, 2011, p. 190).

Discussão

Integrando o que buscamos nesse texto, o território do Caparaó é uma construção histórica relacionado tanto com os aspectos geográficos da localidade, as bases materiais, geomorfológicas, mas também com as ações concretas de sujeitos socialmente organizados que geraram este emaranhado sociocultural apropriado por pessoas que colocaram a natureza como pano de fundo deste processo, isto é, o grupo social de educadoras e educadores ambientais que deu sustentação a essa história e cultura, juntamente com a sustentabilidade.

Nessa direção, Souza (2013, p. 88) afirma que territorializar-se tem uma gama de motivos estabelecidos de acordo com os anseios de cada grupo e seus eventos buscados. Para nós, seguindo o autor, o desejo ou cobiça, como disse, pelo Caparaó veio a partir das “ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço” ou aquilo que definiu, além, como cultural-simbólico, não negligenciando a dimensão política e material dessa localização geográfica, e isso o levou a concluir território como, “no fundo, antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos” (Idem, p. 96).

Tal fato nos permite inferir que a construção desse território, mais que algo estritamente funcional no sentido político, deu-se a partir das identidades e pertencimentos dos grupos sociais que já existiam ou se transferiram para o Caparaó capixaba. A partir do território concretizado, as territorialidades foram sendo construídas e podem ser definidas como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico” (LITTLE, 2002, p.253 apud SILVA et al, 2018, p. 215).

Nessa direção, o objetivo deste trabalho é apresentar os resultados iniciais do projeto em desenvolvimento sobre as oralidades dos atores do Caparaó capixaba no processo de construção desse território a partir dos educadores e educadoras ambientais.

Para uma proposta de orientação ao leitor, julgamos necessário apresentar que nosso enfoque está inserido na via da Educação Ambiental (EA) crítica, isto é, aquela que tem em seu cerne contribuir para a transformação da realidade observada neste modelo vigente (BERTOLUCCI et al., 2015, p. 38). Realidade esta que aprofunda o viés conservador e espalha a lógica da “modernização conservadora”,

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

isto é, uma mudança visando manter o status quo da relação sociedade-natureza, tornando a primeira hierarquicamente inferior a segunda.

Desta forma, a Educação Ambiental possibilitou a construção de um território com relações sociais amalgamadas à natureza na produção de territorialidades além das hegemônicas, que são predatórias, antiecológicas e opostas à relação ser humano-natureza. O Caparaó, defendemos, formou-se a favor da natureza, e não contra ela, subordinando-a aos anseios mercantis da acumulação de capital. Nesse sentido, aproveitamos a citação a seguir para destacar o intuito que nos move a partir da EA e a sua importância na construção do Caparaó.

Educar para transformar é agir conscientemente em processos sociais que se constituem conflituosamente por atores sociais que possuem projetos distintos de sociedade, que se apropriam material e simbolicamente da natureza de modo desigual (LOUREIRO, 2003, p.42 apud SANCHÉZ; STORTTI, 2018, p. 16).

Figura 1 - Linha do tempo Caparaó Capixaba



Fonte: O autor, 2023.

Considerações finais

Nesse sentido, os atores/atrizes entrevistados(as) serão fontes utilizadas e privilegiadas de informações que não constam em livros ou artigos, mas que retratam, e ratificam, o desenvolvimento histórico e territorial do Caparaó capixaba. As narrativas e falas capturados possuirão a qualidade de fontes legitimadas que serão fundamentais para resgatar esses acontecimentos que podem cair no esquecimento com essa geração militante que construiu o que conhecemos como Caparaó.

Portanto, com base nas entrevistas realizadas e nos documentos e reportagens pesquisados até o momento, podemos afirmar que o Caparaó capixaba apresenta, claramente, a educação ambiental como dimensão essencial a qual possibilitou a criação dessa microrregião a partir da mobilização socioambiental no que tange aos debates pela criação, pelo lado espírito-santense, de uma entrada para o Parque Nacional. Nesse sentido, após o movimento social organizado, os poderes públicos estadual e federal atenderam a essas reivindicações e, a nível estadual, o Caparaó foi oficialmente criado.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BOMFIM, Alexandre Maia; PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Educação ambiental crítica: a questão ambiental entre os conceitos de cultura e trabalho. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 27, p. 184-195, julho a dezembro de 2011.

DUTRA, G. J. S. **A relação socioambiental no Alegre-microrregião do Caparaó a partir do século XIX e no projeto plantadores de água (2013-2015):** uma análise de história ambiental. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia, 2019. 118 f.

MASSINI, V. S. **A cobertura natural, o potencial paisagístico e o turismo no Parque Nacional do Caparaó (ES-MG) segundo a hierarquia de paisagens de Georges Bertrand**. Dissertação (mestrado) – UFES, Departamento de Geografia, 2017.

RUFINO, Luiz; CAMARGO, Daniel Renaud; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**. v.7, 2020. p. 1-11.

SÁNCHEZ, Celso; STORTTI, Marcelo Aranda. Prefácio dos autores. In: KASSIADOU, Anne (et al). **Educação Ambiental desde El Sur**. Macaé: Editora NUPEM, 2018.

SATTLER, Marcos Antônio. **Sustentabilidade de sistemas agroflorestais na região do Caparaó**. Tese (Doutorado – Produção Vegetal) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias. Campos dos Goytacazes, RJ, 2013.

Agradecimentos

O presente trabalho é fruto do estágio pós-doutoral em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do Ifes campus Vitória.